



**A beleza de pertencer à Associação de Ex-Alunas e Ex-Alunos  
das Filhas de Maria Auxiliadora**

Simona Maggiorina Ameglio

*Canção de pertença de Giorgio Gaber*

*"A pertença  
Não é um conjunto aleatório de pessoas  
Não é o consentimento para uma agregação aparente*

*A pertença  
**é ter os outros dentro de si mesmo***

*É aquela força que se prepara para o grande salto decisivo  
Que para os rios, move as montanhas com o ímpeto daqueles momentos  
mágicos  
Em que ainda se sente vivo*

*Eu terei de certeza de mudar minha vida  
Se eu pudesse começar a dizer "nós"*

Giorgio Gaber com a sua canção introduz-nos, de forma simples, mas eficaz, no âmago da nossa reflexão, oferecendo-nos de forma poética, mas extremamente verdadeira, uma leitura da pertença entendida como uma força que extrai a sua própria força do encontro com o outro e da consequente possibilidade de viver e experimentar o "nós".

A pertença, em particular a ligada às associações, sempre representou um ponto forte para os indivíduos e comunidades, desempenhando um papel fundamental no seu reconhecimento numa realidade definida e, através desta, na criação de laços significativos e funcionais para a própria vidas.

Hoje tudo isto parece ter perdido intensidade e as respostas sociais, culturais e emocionais às necessidades de pertença e partilha mudaram extremamente, tornando-se modos de interação digital, muitas vezes não presenciais, e maioritariamente vividas numa dimensão individual.

Então já não há necessidade de pertencer, de criar vínculos, de participar em projetos partilhados, de se sentir parte de algo?

Certamente hoje vivemos num tempo de confusão, de perplexidade onde se manifesta a dificuldade em captar os sinais dos tempos e adaptar-se às súbitas mudanças sociais. Sentimo-nos, assim, empurrados para uma dimensão instável, onde os pontos de referência anteriores são cada vez mais rarefeitos e os futuros quase invisíveis. A prova de fogo desta confusão são os jovens que, imersos nesta dimensão de instabilidade, expressam o seu mal-estar com um verdadeiro catálogo de sintomas: afastamento social,



fobia escolar, automutilação, distúrbios alimentares, ansiedade, depressão, desorientação sexual...

Diante desta situação, portanto, emerge a consideração de que a falta de uma socialidade territorial imbuída de oportunidades de relacionamento e pertença gera desconforto e empobrecimento nas pessoas e comunidades e que essas condições geram dificuldades significativas na construção e manutenção da identidade pessoal e social. Uma parte fundamental da nossa identidade, de facto, deriva e está estruturada nas relações com os outros. À medida que aprendemos a definir-nos e a reconhecer-nos como pessoas autónomas e independentes, começamos também a viver contextos sociais diferentes da família, estruturando múltiplos membros sociais – amigos, grupo desportivo, associação – aos quais correspondem tantos papéis sociais que contribuem para definir a nossa identidade, ou seja, quem somos.

Assim como o Papa Francisco recorda na mensagem de vídeo aos jovens de Buenos Aires (2014), a identidade não é um dado que se estabelece, não é um número de fábrica, não é uma informação que pode ser pesquisada na net, mas é uma história, **uma história que nasce e cresce na pertença.**

Portanto, pertencer a uma associação e acreditar no que se faz é, na adolescência, mas também ao longo da vida algo que é bom, que dá um rosto, um nome a quem somos, definindo-nos e devolvendo-nos uma dimensão de identidade socialmente reconhecida. Isto representa um elemento vital e criativo nas nossas vidas: cada relação, bem como cada pertença, pode dar-nos a oportunidade de expandir a expressão da nossa personalidade, de realizar algumas das nossas aspirações, de ultrapassar alguns dos nossos limites.

***Aqui reside a beleza de pertencer, com a qual gosto de traduzir por: aqui reside o valor da pertença.***

Quando nos juntamos, aceitamos e partilhamos os valores e a cultura de um grupo, sentimos uma semelhança e, portanto, um sentido de "nós" que responde às nossas necessidades mais profundas de relacionamento.

Como Ex-alunas/os das Filhas de Maria Auxiliadora, ao **pertencer à associação partilhamos, para além da dimensão relacional, uma história comum constituída por experiências, valores, caminhos que influenciaram fortemente as nossas vidas e que ainda hoje nos motivam a estar aqui para partilhar o mesmo projeto que, em consonância com o nosso documento de identidade, se define no saber, no assimilar e no viver os valores salesianos ao estilo de Mornese.**

Solidariedade, reciprocidade, proximidade às pessoas com gratuidade no compromisso concreto de construir uma sociedade mais civil e de formar «bons cristãos e honestos cidadãos» no respeito da liberdade e da dignidade da pessoa. O nosso é um programa exigente, que extrai a sua força das raízes pedagógicas da nossa experiência, daqueles encontros com as FMA que nos formaram em valores salesianos - mornesianos.

Até a nossa associação é afetada pela situação sociocultural desta época: somos cada vez menos e poucos jovens escolhem aderir. Não somos a única realidade que vive



este sofrimento, mas o nosso é um momento de necessidade, de pobreza socioeconómica e cultural e de forte emergência educativa.

Como Ex-Alunas/os das Filhas de Maria Auxiliadora, somos chamados a responder a esta emergência, a tomar consciência das necessidades a que poderíamos responder revitalizando as realidades associativas em que estamos inseridos, a traçar nos nossos territórios caminhos de apoio e esperança. Temos o dever, no âmbito da Família salesiana, de tentar traduzir em boas propostas aquele extraordinário património de experiências, iniciativas, ideias, pessoas e valores que a nossa história produziu ao longo do tempo e que a vitalidade da realidade de que fazemos parte continua a gerar.

### **Uma tarefa muito difícil de implementar, então como fazê-la, por onde começar?**

A solução está em casa, a receita é a família... porque, propõe-nos o Reitor-Mor na Estreia, onde nos convida a ser «fermento na massa do pão da humanidade». A imagem do fermento na massa do pão é retirada da parábola do Evangelho de Lucas, «uma parábola de grande sabedoria evangélica, pedagógica e educativa, que exprime a natureza do Reino de Deus que Jesus viveu e ensinou». A levedura, explica o Reitor-Mor, é um ingrediente utilizado em quantidades muito pequenas, mas destaca-se por ser "o único ingrediente vivo e, por estar viva, tem a capacidade de influenciar, condicionar e transformar toda a massa".

Ser fermento é o convite do Reitor-Mor a toda a Família Salesiana e, de modo particular, aos leigos e, portanto, também a nós e aos Ex-Alunos, chamados a responder às necessidades de hoje com o estilo que sempre nos distinguiu mesmo em diferentes espaços, tempos e "mundos", mas unidos pelo mesmo horizonte.

A força está dentro de nós e este tempo de reflexão é um dom, para redescobrir a coragem de empreenderem conjunto, novos caminhos associativos, capazes de gerar novas formas de solidariedade e desenvolvimento nas nossas comunidades.